



Periferia

ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

de Souza Oliveira, Ariosvalber
NOTAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL NO ESPAÇO ESCOLAR À LUZ DOS USOS DOS MEMES
Periferia, vol. 11, núm. 1, 2019, -, pp. 214-230
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552159357017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRJ
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

NOTAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL NO ESPAÇO ESCOLAR À LUZ DOS USOS DOS MEMES

Ariosvalber de Souza Oliveira¹
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo

O acesso e domínio das novas tecnologias de informação e comunicação no mundo contemporâneo tornou-se uma exigência importante para o mundo do trabalho. Algo também importante para a melhor sociabilidade e interação do indivíduo com o outro. A questão em destaque também se localiza no mundo educacional, exigindo políticas públicas efetivas por parte do Estado para atender um processo de inclusão digital para os profissionais em educação. Ao mesmo tempo em que as novas linguagens digitais e tecnologias podem ser ferramentas didáticas valiosas para o melhoramento no processo de aprendizagem de alunos e de educadores. Neste contexto, os memes fazem parte do cotidiano das pessoas que utilizam as redes sociais e aplicativos de comunicação, algo muito próximo dos jovens. Seu uso em sala de aula é uma possibilidade de aproximação entre o mundo de expectativa e de interesses de alunos e professores. Neste sentido, o presente trabalho pretende refletir acerca da problemática da inclusão digital na educação brasileira a partir dos usos de memes, atendendo a duas possibilidades: apresentar apontamentos sobre a exclusão digital no processo educacional brasileiro e indicar o meme como possibilidade de reflexão sobre o cotidiano da sala de aula à luz da exclusão e da inclusão digital.

Palavras-chaves: memes; educação; exclusão digital

¹ Mestre em História e professor formador da Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais. ariosvalber@yahoo.com.br



NOTES ON DIGITAL INCLUSION IN SCHOOL SPACE ACCORDING TO UNDERSTAD OF THE MEMES USES

Abstract

The access and mastery of the information and communication new technologies in the contemporary world has become an important requirement for the work world. Something equally relevant for the better sociability and interaction of the individual with the other. The issue in question is also located in the educational field, requiring effective public policies by the State to attend a process of digital inclusion for education professionals. Therefore, new digital languages and technologies can be used as valuable teaching tools for improving the teaching and learning process. In this sense, memes are part of the people daily life who use social networks and communication apps, being very close to the youngers. Their use in the classroom is a possibility of approach between the hope world and students and teachers interests. Thus, the present paper intends to reflect on the digital inclusion in Brazilian education problem from the uses of memes, considering two possibilities: introducing notes about the digital exclusion in the Brazilian educational process and quote the meme as a reflection possibility of the classroom daily life according to understand digital exclusion and inclusion.

Keywords: memes; education; digital exclusion



NOTAS SOBRE INCLUSIÓN DIGITAL EN EL ESPACIO ESCOLAR A LA LUZ DE LOS USOS DE LOS MEMES

Resumen

El acceso y el dominio de las nuevas tecnologías de información y comunicación en la contemporaneidad se ha convertido en una exigencia importante para el mundo del trabajo. Algo igualmente relevante para la mejor sociabilidad e interacción del individuo con el otro. La cuestión en destaque también se ubica en el campo educativo, exigiendo políticas públicas efectivas por parte del Estado para atender un proceso de inclusión digital para los profesionales de la educación. Para ello, nuevos lenguajes digitales y tecnologías pueden ser utilizadas como herramientas didácticas valiosas para el mejoramiento del proceso de enseñanza y aprendizaje. En este contexto, los memes forman parte del cotidiano de las personas que utilizan las redes sociales y aplicaciones de comunicación, siendo muy cerca de los jóvenes. Su uso en las clases es una posibilidad de acercamiento entre el mundo de expectativa y de intereses de alumnos y profesores. Por lo tanto, el presente trabajo pretende reflexionar respecto a la problemática de la inclusión digital en la educación brasileña a partir de los usos de memes, atendiendo a dos posibilidades: presentar apuntes sobre la exclusión digital en el proceso educativo brasileño e indicar el meme como una posibilidad de reflexión en el aula con vistas a promover la discusión de la exclusión e inclusión digital.

Palabras-clave: memes; educación; exclusión digital



APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma época marcada pela cultura digital e, muitas vezes, não nos damos conta ou paramos para refletir sobre como as influências e implicações das novas tecnologias de informação e comunicação estão conectadas aos nossos hábitos cotidianos. Uma das primeiras ações que algumas pessoas realizam ao chegarem a um restaurante ou clínica, por exemplo, é observar se o local disponibiliza conexão wi-fi e senha para os clientes poderem acessar a internet. Em outros casos, há muitos indivíduos que só conseguem dormir após darem uma “espiadinha” no celular, sobretudo, para checar atualizações de redes sociais e aplicativos de comunicação, como Facebook e WhatsApp, respectivamente. Tal gesto pode se repetir ao acordar, transformando-se na primeira atividade do dia.

Percebe-se que ambos os casos estão vinculados ao principal aparelho móvel de comunicação e informação utilizado atualmente - o *smartphone* - e demonstram a sua importância nas nossas interações sociais. Os smartphones podem ser considerados uma evolução dos aparelhos celulares, visto que permitem ao usuário um melhor acesso à rede, baixar jogos e aplicativos, interagir pelas mídias sociais e executar diversas atividades que até então só eram possíveis via computador. Tal dispositivo tornou-se uma espécie de *computador íntimo*,² indispensável nas tarefas diárias, tendo em consideração o apego e a necessidade que lhe são atribuídos.

Esse contexto sociocultural é extensivo ao processo educacional, visto que as novas tecnologias encontram-se cada vez mais presentes no cotidiano escolar. Nos últimos anos, por exemplo, muitas redes educacionais adquiriram tablets para distribuir entre os alunos; criaram laboratórios de informática e, até, de robótica nas escolas; substituíram os diários de classes por plataformas digitais; diversas escolas já possuem páginas no Facebook, blogs e seus próprios canais no Youtube. Além disso, o uso de novas tecnologias digitais como recurso didático vem ganhando espaço nas práticas metodológicas de muitos educadores, de modo a contribuir para o processo de inclusão digital.

² Essa definição é posta pelo escritor Tom Chatfield no seu instigante livro *Como viver na era digital* (2012).



Entretanto, apesar dessa presença, é notório que a inserção das escolas brasileiras no mundo digital está longe de ser satisfatória. Principalmente, se observamos que na contemporaneidade a inclusão digital - em outros termos, o acesso ao domínio da linguagem da informática e de suas possibilidades - é indispensável para a participação do indivíduo no mundo social e do trabalho.

Logo, as concepções de educação, escola e educando precisam ser redimensionadas diante do “novo cenário social e cultural” em que vivemos. Os tempos, literalmente, são outros e cabe à escola se posicionar de forma crítica, trazendo para dentro dos seus muros esse mundo digital que já faz parte do cotidiano da grande maioria dos nossos educandos. Não há como barrar as inovações tecnológicas, tampouco fingir que elas não interferem nas situações comunicacionais e comportamentais dentro e fora da sala de aula.

Nesse sentido, o presente artigo pretende ponderar acerca da exclusão digital em sala de aula do a partir do gênero digital meme como meio de contribuir para o processo de inclusão digital e emancipação do indivíduo. O texto está dividido em dois momentos: o primeiro levanta algumas reflexões sobre o processo de inclusão e exclusão digital e suas implicações na educação brasileira; e o segundo indica uma possibilidade de inserir as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no contexto escolar através do estudo do gênero digital *meme*.

O MUNDO DIGITAL NO ESPAÇO ESCOLAR BRASILEIRO: APONTAMENTOS SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO EXCLUDENTE

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) indica, no seu 2º artigo, que a educação enquanto dever da família e do Estado tem como princípio o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.³ Sendo assim, em um mundo globalizado e com um mercado de trabalho extremamente competitivo como o nosso, o domínio da linguagem da informática e o acesso adequado a ela tornou-se de fundamental importância para preencher alguns dos princípios postulados pela LDB.

³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 31 jul. 2018.



No entanto, tal questão não recebe a necessária atenção por parte do Estado brasileiro e nem é tema principal de políticas públicas empreendidas pela maioria das redes de ensino do país, muito embora vivamos numa sociedade e num sistema educacional conectado de ponta a ponta ao mundo digital.

Neste contexto, uma pesquisa reveladora publicada em 2017 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) apontou que 52% dos alunos de escolas com turmas de 5º e 9º ano do ensino fundamental e de 2º ano do ensino médio, localizadas em áreas urbanas, usaram telefones celulares em atividades escolares no ano de 2016. Entre os alunos do ensino médio, o percentual chega aos 74%. Outro dado que chamou-nos a atenção é que 95% das escolas da rede pública possuem computador conectado à internet. No entanto, 45% dessas unidades ainda não ultrapassaram 4Mbps de velocidade de conexão e 33% têm velocidade de até 2Mbps.⁴

A partir desses dados apresentados na pesquisa, podemos aferir que a presença de tecnologias da informação e comunicação encontra-se localizado no espaço escolar brasileiro, assim como a disponibilidade de internet. Por outro lado, o estudo detecta a precariedade da qualidade do acesso oferecido e a ausência de uma política pública efetiva de inclusão digital.

Neste sentido, Mark Warschauer (2006)⁵ defende que as políticas públicas de inclusão e de acesso às TICs aplicados em alguns países se pautam em dois modelos hegemônicos: *equipamento* e *conectividade*, ou seja, a disponibilidade de equipamentos e de acesso à internet, respectivamente. No Brasil, tais modelos são os mais simples e limitados, além de largamente utilizados, tornando-se propostas rápidas diante dessa complexa problemática. Isto se encontra presente, por exemplo, na política de distribuição de tablets efetuada por algumas redes educacionais. Essas ações deveriam ser acompanhadas de uma política de formação continuada para professores, alunos e comunidade, em outros termos, uma política

⁴ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/mais-de-70-dos-alunos-do-ensino-medio-usam-celular-nas-atividades-escolares>>. Acesso em: 15 set. 2017.

⁵ O autor estabeleceu um relevante estudo sobre as contradições e possibilidades de projetos de inclusão digital realizados em alguns países do mundo, a saber: Brasil, China, Egito, Índia, Irlanda e Havaí.



de Estado com garantias orçamentárias e jurídicas, que possibilite um serviço de qualidade e eficiente; e não uma mera ação pontual e/ou de gestão.

É certo que adquirir equipamentos tecnológicos de ponta e disponibilizá-los, assim como garantir o pleno acesso à internet de qualidade para os espaços escolares, são de fundamental para um processo de inclusão digital. O que no Brasil é difícil de acontecer diante da extrema insegurança e da falta de investimento em educação. Todavia, estabelecer políticas de inclusão atentas apenas aos números e ao acesso não garante um processo eficaz, bem como os usos das tecnologias como um fim em si mesmo, considerando-se que é preciso integrá-la a um projeto maior de desenvolvimento e incluir efetivamente a participação dos envolvidos como portadores de percepção crítica e, sobretudo, de produtores de conhecimento.

Desta maneira, as TICs devem ser encaradas como ferramentas para o processo de emancipação crítica do indivíduo diante do mundo contemporâneo em que o mesmo vive, haja vista que o domínio de ferramentas tecnológicas tornou-se uma necessidade tão importante quanto o conhecimento da escrita e da leitura. Trata-se de uma exigência do mercado de trabalho, uma vez que a maioria dos empregos com alta remuneração aponta como imprescindível o sólido conhecimento de tal área.

Entretanto, não se pode desconsiderar que “a difusão de qualquer tecnologia é um terreno conflituoso, e que a política de acesso a ela reflete questões mais amplas de poder político, social e econômico” (WARSCHAUER, 2006, p. 60). Em um país marcado pela profunda desigualdade social como o Brasil, os acessos aos bens tecnológicos e aos domínios da linguagem de informática são igualmente discrepantes.

Computadores avançados e outros equipamentos tecnológicos são caros e incompatíveis com a renda da maioria dos brasileiros, igualmente, os bons cursos de informáticas são dispendiosos e privatizados, assim como os de inglês, que é a língua base da linguagem informacional globalizada. Isso acarreta uma geração considerável de *analfabites*, pessoas que utilizam com muita dificuldade computadores e seus programas, produzem textos no Word, prepararam slides no PowerPoint, conseguem se corresponder via e-mail, baixam arquivos, entre outras tantas ações, todavia,



aprenderam na prática cotidiana, não compreendendo os significados dos nomes dos programas utilizados, tampouco dominam as suas múltiplas possibilidades e funcionalidades. Um bom exemplo desse cenário são os jovens que confundem o Facebook com a própria internet.

Tais questões estão também localizadas no espaço escolar penalizando alunos e professores, tendo em conta que atualmente as mudanças tecnológicas implantam novidades que estabelecem continuamente novos conhecimentos e novas habilidades. É preciso que os projetos de inclusão na área de informática também focalizem os educadores, que são, na grande maioria, *imigrantes digitais*, indivíduos que só a partir da vida adulta acompanharam a evolução das tecnologias digitais e a expansão da internet; ao contrário de seus alunos que nasceram em meio aos usos de jogos de computadores, celulares e internet, entre outros, o que “os torna [por conseguinte] *nativos digitais* diferenciando fatalmente dos *imigrantes digitais* que são seus pais e professores” (SIBILIA, 2012 p. 74, grifo nosso).

Essa diferença potencializa os desencontros nas maneiras de ser e estar no mundo correspondente ao conflito geracional de valores e práticas sociais distintas, presentes nas relações cotidianas entre educadores e alunos. Além disso, os professores são constantemente cobrados pelas redes educacionais e concursos públicos a demonstrarem conhecimento em informática. Sendo assim, se a exclusão digital penaliza os discentes, faz o mesmo com os docentes; cada um à sua maneira sofre as consequências desse processo.

Por outro lado, existem no Brasil políticas públicas indicando um processo de inclusão digital como, por exemplo, o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado),⁶ voltado para o uso didático-pedagógico das TICs no cotidiano escolar. Porém, não se localiza no país um plano nacional articulado e efetivo de inclusão digital nos espaços escolares, até porque tal política só existe de forma eficiente “quando vinculadas a campanhas sociais, econômicas mais amplas” (WARSCHAUER, 2006, p. 224).

⁶ Maiores informações, ver: <<http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/271-programas-e-acoes-1921564125/seed-1182001145/13156-proinfo-integrado>>. Acesso em: 04 out. 2017.



Apesar disso, é possível verificar experiências locais positivas em redes educacionais pelo país no tocante ao trabalho com novas tecnologias de informação e comunicação, embora tais experimentos não representem a regra geral e sejam geralmente empreendidos pelas próprias instituições de ensino, educadores e/ou alunos.

Essa conjuntura gera políticas públicas de *inclusão excludente*, presas, na maioria das vezes, ao precário incentivo ao acesso e à distribuição das TICs. Ao fim e ao cabo, se constituem como ardis que pretendem demonstrar uma permanente preocupação por parte do Estado na área em questão. É preciso ir além, portanto, torna-se necessário que o processo de letramento digital esteja no centro de tais ações e conectado às práticas sociais e culturais significativas para a vida dos envolvidos. Isto porque tal direcionamento colabora no árduo processo de transformação de informação em conhecimento, principalmente numa era marcada pela vertiginosa produção de informações e imagens.

MEMES E A INCLUSÃO/EXCLUDENTE DIGITAL EM SALA DE AULA

Conforme Chatfield (2012, p. 21), “Somos criaturas tecnológicas. Faz parte de nossa natureza ampliar a nós mesmos e ao mundo - a ir além dos limites e nos adaptarmos.” Assim sendo, a escola tem um papel de extrema importância, não podendo ficar alheia às transformações ocasionadas pelo advento tecnológico ocorrido nas últimas décadas e, notadamente, não criando barreiras para que a inclusão digital adentre seus muros. Estar conectado, hoje em dia, faz parte da nossa rotina dos nossos educandos e tornou-se uma necessidade que, muitas vezes, eles mesmos não sabem explicar. Logo, o sistema educacional precisa encontrar formas de integrar essa nova conjuntura - tecnológica, comunicativa, comportamental - às atividades educacionais, de modo que o aluno aprenda a utilizar os dispositivos digitais como um meio para obter e produzir conhecimento.

Diante desse novo panorama, podemos citar o caso da educadora Mônica Cabral que utilizou o gênero digital *meme* como importante recurso pedagógico na busca por aumentar a frequência dos alunos em um curso de nivelamento de



português, oferecido por uma universidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro. Através do Facebook, ela passou a postar memes de uma forma criativa e bem humorada, chamando a atenção dos estudantes para interessantes questões da nossa língua. Em entrevista ao portal G1, Mônica afirma que costuma “tratar pedagogicamente os conteúdos de língua portuguesa de um modo leve, com exemplos do dia a dia e situações engraçadas” e que, nesse contexto, a linguagem empregada nas redes sociais “permite uma aproximação maior com os alunos, de forma lúdica”.⁷

Tal experiência demonstra que dispositivos e interfaces digitais podem ser empregadas a favor de uma educação inclusiva. Em virtude disso, tomaremos o gênero digital meme a fim de tecermos algumas reflexões acerca da educação na contemporaneidade e do uso desse gênero no contexto de sala de aula.

O gênero digital meme

O termo meme vem do grego *mimeses* (imitação) e foi proposto, em 1976, pelo biólogo e escritor Richard Dawkins no seu livro “O Gene Egoísta”. Baseando-se em conceitos da biologia evolucionista, o autor defendeu a ideia de que assim como um gene é uma unidade biológica de informação, o meme seria seu correspondente cultural. Em outras palavras, esse conceito representa toda e qualquer informação que pode ser apreendida e transmitida de pessoa para pessoa, “incluindo hábitos, superstições, crenças, doutrinas, teorias - em suma, qualquer representação mental que dependa dos limitados recursos do cérebro humano para sobreviver e se difundir” (TEIXEIRA, 2013).

Enquanto gênero digital, o meme possui um caráter multissemiótico, tendo se tornado bastante popular nos últimos anos, à medida que se propagou rapidamente pelas mídias sociais. Trata-se de um conceito apresentado sob “a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, website, hashtag, ou mesmo apenas uma palavra ou frase”, podendo “permanecer o mesmo ou [...] evoluir ao longo do tempo, por acaso

⁷ Para maiores informações, ver: <<http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2017/03/professora-utiliza-memes-para-atrair-alunos-em-universidade-em-cabo-frio.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.



ou por meio de comentários, imitações, paródia, ou mesmo através da recolha de relatos na imprensa sobre si mesmo”.⁸

Além de oferecer uma multiplicidade de temas apresentados de forma humorística, lúdica e, muitas vezes, crítica e irônica, esse novo gênero possui tanto um caráter contínuo quanto efêmero e pode ser produzido ou recriado por qualquer usuário a partir de uma imagem, uma cena ou uma frase, tornando difícil - ou quase impossível - a identificação de sua autoria.

A sala de aula sob a ótica dos memes

Figura 1: Meme relativo à sala de aula.



Fonte: <<http://jeancmiranda.blogspot.com.br/2012/10/relacao-professor-aluno-memes.html>>.

Na figura 1, podemos observar um exemplo de meme que repercutiu bastante na internet, especialmente entre educadores. Isto porque ele é um reflexo bem humorado do que muitos deles vivenciam em suas salas de aula. Chamamos a atenção para o emprego do termo “aguentar” que traz toda uma carga semântica negativa e expressa o sentimento de desmotivação de muitos docentes nos dias atuais. Quem trabalha na área da educação vivência no seu cotidiano os descompassos entre o mundo da escola, de suas exigências e o dos alunos “desinteressados”.

⁸ Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))>. Acesso em: 16 out. 2017.



É interessante observarmos que as expressões faciais e corporais dos alunos, representados por memes, e os questionamentos feitos ao professor denunciam a constante desatenção e falta de interesse dos alunos no que se refere a sua própria aprendizagem. Vale destacar que tanto o texto quanto seus personagens são comumente chamados de memes. Basta atentarmos para o personagem A, uma possível versão do conhecido meme Challenge Accepted⁹ (Desafio aceito), cuja expressão facial e questionamento “É pra copiar?” demonstram certa indiferença e displicência do aluno, possivelmente, no tocante ao conteúdo ministrado pelo docente.

Outro meme interessante está representado pelo personagem B, versão feminina do meme Y U No Guy, que expressa um sentimento de raiva e frustração em relação à figura do professor. Essa rejeição do alunado é bem mais comum do que se imagina e nos leva a refletir acerca da relação professor/aluno, tendo em vista que existem queixas de ambas as partes.

O eixo central da imagem em questão é a reflexão, de maneira lúdica, sobre as dificuldades do ordenamento pedagógico proposto pelo educador e pelas exigências do ensino formal no espaço da sala de aula. As ações e os gestos realizados pelos memes demonstram tal desalinhamento, assim como o deslocamento da posição de referência do professor como portador de um discurso inquestionável.

Diante disso, devemos considerar que, na contemporaneidade, os valores tradicionais de disciplina e de conteúdos defendidos pela escola tornaram-se incompatíveis com as demandas do campo de interesse de uma considerável parcela do alunado, das subjetividades das crianças e dos jovens, do tempo presente; daí os descompassos entre o horizonte de expectativas dos educadores e o dos educandos (SIBILIA, 2016).

Um olhar sobre a inclusão digital escolar através de memes

⁹ Para maiores informações sobre os memes mencionados, ver: <<http://assuntoeozoacao.blogspot.com.br/2011/04/origem-dos-memes.html>>. Acesso em: 04 nov. 2017.



Figura 2: Meme sobre produção textual no Facebook e na escola.



Fonte: <<https://007blog.net/tirinhas-de-memes-para-o-facebook/>>.

A figura 2 apresenta uma crítica pontual acerca do comportamento do educando (internauta) dentro e fora dos muros da escola. Nota-se tanto pelo discurso quanto pelas imagens uma contradição no que se refere ao trabalho com a escrita nas duas situações, uma vez que atualizar o status de perfil no Facebook ganha mais importância do que produzir um texto escolar. O aluno sabe que seu texto ficará visível para um número indefinido de usuários ao ser publicado nas redes sociais e, portanto, preocupa-se em revisá-lo. Contudo, em se tratando da escola, suas produções geralmente não alcançam um grande público, destinando-se, muitas vezes, apenas à leitura e correção do professor, o que torna tal trabalho sem sentido para ele. Logo, a falta de compromisso desse sujeito com seu próprio aprendizado e a desinteresse pelo o espaço escolar ficam bem evidentes nesse texto.

Outra importante questão a ser observada faz menção ao uso da escrita, visto que esta continua sendo uma tecnologia indispensável tanto no mundo real quanto no virtual, embora este último tenha se tornado o espaço eleito pelos nossos educandos para a sua prática. O grande número de publicações escritas, comentários, compartilhamentos e curtidas nas redes sociais de relacionamento demonstram essa preferência, mas também nos levam a refletir acerca de uma



relevante particularidade desses ambientes sociointerativos: a constante busca dos usuários por visibilidade e aceitação.

Para alcançarem a tão almejada popularidade na internet, muitos usuários criam verdadeiras rotinas de curtidas e compartilhamentos de publicações. Inclusive, existem regras de etiqueta virtual (netiqueta) entre os internautas, que costumam retribuir as curtidas e os elogios que recebem. Além de suas próprias produções, onde costumam exibir e expor suas vidas privadas e, até, inventarem falsas experiências na tentativa de conquistar mais admiradores e/ou seguidores. Percebe-se, assim, que “o que se mostra nas vitrines [das redes sociais] costuma ser uma versão ‘otimizada’ das vidas. Nessa performance de si, cada usuário faz cuidadosa curadoria do próprio perfil visando a obter os melhores efeitos na maior audiência possível” (SIBILIA, 2016, p. 42).

Figura 3: Meme sobre exclusão digital do educador.



Fonte: <<http://jornal.puc-campinas.edu.br/tag/meme/>>.

A figura 3 apresenta uma crítica acerca das dificuldades enfrentadas por professores excluídos digitalmente. Através da ironia e do humor, esse meme nos leva a refletir sobre um importante aspecto da nossa educação, visto que, independente da formação acadêmica, há educadores que nos dias atuais ainda não sabem utilizar aparatos tecnológicos cada vez mais comuns nas instituições de ensino. A personagem do texto em análise desconhece o funcionamento do Data



Show, projetor de vídeo e imagem que, juntamente com o aparelho de multimídia e a lousa digital, encontra-se presente em inúmeras instituições de ensino públicas e privadas do país.

Nesse ponto, é importante destacar a falta de formação adequada dos professores quanto ao uso de tecnologias digitais na escola. Segundo dados da pesquisa TIC Educação 2016, realizada pelo Cetic.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), somente “39% dos professores afirmaram ter cursado uma disciplina específica na graduação sobre o uso de tecnologia em atividades pedagógicas, sendo que, entre os entrevistados com idade inferior a 30 anos, esse número sobe para 54%”.¹⁰

Muitos docentes ainda hoje são iletrados digitalmente, não possuem sequer um conhecimento básico em informática e/ou utilizam os dispositivos digitais de forma mecânica, sem compreender as diversas funcionalidades e possibilidades que os mesmos possuem, podendo auxiliá-los em suas práticas de ensino.

Outra forma de trabalhar a produção do gênero em debate seria a partir de sites especializados, como o Gerar Memes,¹¹ que possibilita ao internauta criar seus próprios memes, tendo em vista que disponibiliza uma gama de imagens que o mesmo pode relacionar ao discurso elencado e a outras possibilidades temáticas.

Desta maneira, acreditamos que os usos dos memes em sala de aula podem colaborar com um melhor processo de ensino e aprendizagem dos alunos, visto que trata-se de um gênero digital presente na vida cotidiana dos jovens, que utilizam-no em suas interações via redes sociais e aplicativos de comunicação. Neste sentido, os memes podem ser acionados pelos educadores enquanto um instigante recurso didático-pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁰ Para maiores informações, ver: <<http://porvir.org/tic-educacao-mostra-aumento-uso-da-internet-pelo-celular-para-fim-pedagogico/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

¹¹ Para maiores informações, ver: <<https://www.gerarmemes.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.



Em face de finalização do texto, percebe-se que são múltiplas as possibilidades de uso dos memes como valioso recurso didático-pedagógico em sala de aula. Tendo em vista que se trata de uma pesquisa em andamento, buscamos de maneira breve apontar algumas das principais características do gênero em questão. Desta feita, cabe aos leitores fazer complementos, redimensionamentos, ajustes e reinterpretações acerca do presente artigo.

Por outro lado, constata-se que é preciso a elaboração de políticas concretas de acesso à informática e à internet para as escolas públicas, bem como para a maioria da população. Da mesma maneira, não se pode perder de vista que essas ações têm desdobramentos na difusão de domínios de técnicas e de linguagens de poder.

Numa perspectiva de uma educação para os novos tempos, a inclusão digital tem que ser pensada no sentido de tocar a vida das pessoas, enquanto um caminho para a construção de uma visão crítica e de emancipação do mundo que nos rodeia e não tão somente na geração de números quantitativos. Igualmente, os bons usos das tecnologias de informação e comunicação são valiosas vias didáticas no processo de aprendizagem de alunos e de educadores, ambos interagindo em ações concretas como protagonistas e produtores de saberes.

Assim sendo, o uso de memes e de outros gêneros digitais pode contribuir para a promoção de um ensino mais contextualizado com essas demandas. Em tempos de extrema violência e de desrespeito em relação ao outro, trabalhar com textos pautados no humor pode ser um estímulo ao exercício do bom riso, da boa brincadeira, que se constituem como a arte de *rir com outro* e não rir do outro, de vivenciar o uso do bom humor enquanto via de reflexão - e melhor ainda se essa experiência for compartilhada.



REFERÊNCIAS

CHATFIELD, Tom. *Como viver na era digital*. Trad. de Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOUSA, Socorro Claudia Tavares de. As formas de interação na internet e suas implicações para o ensino de língua materna. In: RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião et al. *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009. p. 197-206.

TEIXEIRA, Jerônimo. *O DNA das ideias*. 2013. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/o-dna-das-ideias/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Trad. de Carlos Szlak. São Paulo: Senac, 2006.

Endereços eletrônicos

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/mais-de-70-dos-alunos-do-ensino-medio-usam-celular-nas-atividades-escolares>>. Acesso em: 15 set. 2017.

<<http://assuntoezoacao.blogspot.com.br/2011/04/origem-dos-memes.html>>. Acesso em: 11 out. 2017.

<<http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2017/03/professora-utiliza-memes-para-atrair-alunos-em-universidade-em-cabo-frio.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

<<http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/271-programas-e-acoes-1921564125/seed-1182001145/13156-proinfo-integrado>> Acesso em: 04 out. 2017.

<<http://porvir.org/tic-educacao-mostra-aumento-uso-da-internet-pelo-celular-para-fim-pedagogico/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 jul. 2018.

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))>. Acesso em: 10 nov. 2017.

<<https://www.gerarmemes.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

